OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	$	$
Extrangeiro e India	5$000	2$500	$	$

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1253

20 de Outubro de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus.
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

Decerto, leitôres assiduos de gazetas notaram-no — ha mêses, vêm decorrendo, rarissimas e lentas, as semanas, que não são assinaladas por um crime féro de paixão.

Dantes, o crime passional era simples incidente emotivo ou desenlace necessario de drama-historico e romance-de-sensação — só atingia, de facto, as sensibilidades doentias, estruturalmente imperfeitas, mancas de equilibrio estavel, exacerbadas de requinte, arripiadas de vertigem, incapazes duma acomodação estrita á realidade dolorosa e imperiosa da vida. O destino escolhia vitimas, elegia-as entre a multidão amorfa, e, antes de arremessal-as, tatuava-as do estigma duma certa raridade nobilitante. Eram sêres de eleição, erguidos para a nossa admiração comovida — mais do que para a nossa comoção surpresa.

Hoje, não. O facto generalisou se e perde-se na banalidade do noticiario. Dia a dia, labrêgo rude ou vadio incorrigivel, frequentes em baiucas porcas, de faixa á cinta e cuchila tremeluzindo em movimentos gingões, alevantam a voz, com cinismo de nausea, e certo entôno de teatro sédiço: «Repeliu-me, matei-a!»

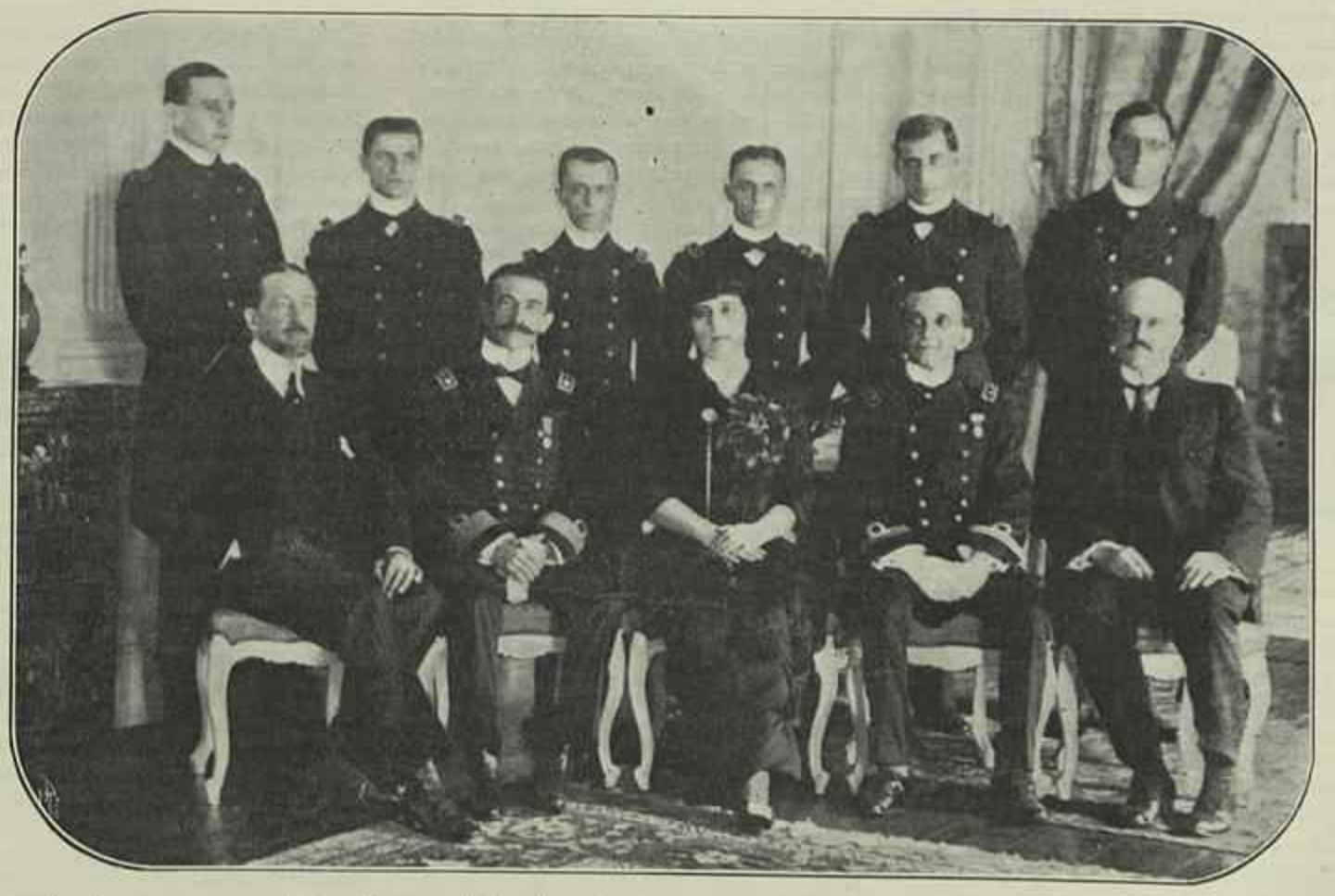
Misero Antony!

Vê como o luxo da tua psicologia é baratinho e os teus ademanes denunciam uma atitude de grande-senhor pelintra. Entanto, para tua honra — cremos — se um novo Dumas te evocasse á vida, esforçar te-ias, sem duvida, por furtar-te ao mau-gosto do teu gesto antigo. Cortarias, pelo figurino, a grenha romantica. Abancarias no botequim literário e o café-de-bôrra de certo intelectualismo má-lingua desanuvear-te-ia o espirito dessa preocupação insistente e obcecante da femea. Serias poeta lambedôr e lambão e contista de figados doentes.

Transviando o passo a qualquer creaturo ingenuamente desdenhoso, dirias como um Maritonto: «Vou plagial o!» E, semelhante a um asinino Alfredo, declamarias, entre dois bafos curtos: «Tem mais talento do que eu, calumnio o!»

Ora, bem!

Iamos narrando como o crime passional corria já em baixa divulgação...



Sentados da esquerda para a direita: Ministro do Brasil, sr. Oscar de Teffé; O comandante do *Benjamin Constant*; Madame Teffé; Imediato do *Benjamin Constant*; Belfor Ramos, 2.º secretario da Legação — Em pé; Oficiaes do *Benjamin Constant*

NO ALMOÇO OFERECIDO Á OFICIALIDADE DO «BENJAMIN CONSTANT», PELO MINISTRO, SR. OSCAR DE TEFFÉ, NA LEGAÇÃO DO BRASIL

(Veja Cronica Occidental)

Mas, por vezes, de onde a onde, toma aspectos de enternecimento, que chega a despertar e a comover a nossa indiferença enfastiada.

O rictus de repugnancia invencivel e envenenado desprezo, que nos franze os labios, na ambiencia dum Antony de calão e naifa — transfigura-se quasi num sorriso de simpatia, quando presenciamos o drama dum suicidio duplo e premeditado de amôr.

Através do noticiario miudinho do jornal — visionamos os noivos, entrelaçados e abençoados por Amôr, a quem consagraram os ultimos momentos, no leito macio e socegado de camelias desfolhadas que a morte lhes soube preparar. Dizem que o seio da morte é enregelado... Engano! E' a melhor — é a caminha unica onde se está bem. Digam-me se já viram mortos com tosse convulsa ou catarros pneumonicos. Tambem não ha ali calôres exagerados. A nossa avozinha — meu amigo e meu irmão — nunca se queixou e já lá dorme, ha tanto...

Porque lançam, pois, sobre a campa dos noivos sorridentes, esses preconceitos que são anatemas de imbecilidade profana?

Que ideia fazeis vós da vida — vós que tanto a amais?... Que ideia fazeis vós da morte — vós que tanto a temeis? Olhai — meus amigos — vida e morte são mulheres, e assim só podem querer bem a quem nas fite com serenidade e de alto as domine sempre. Não ameis a vida e não temais a morte — e sabereis viver com alegria e sabereis morrer com graça...

Assim, pensam eles — ingenuos! — e desvairados do veneno subtilissimo dum amôr obcecante e enganôso, dão-se morte irremediavelmente!

Nós vemos, agora, as duas campas unidas dessas duas creaturinhas inocentes — noivos inseparaveis — que premeditaram um estreitissimo abraço de morte, ali para os sitios pitorescos da Azinhaga das Freiras. Vemos agora as duas campas unidas... Os noivos estão tão socegados, que parece, ainda não acordaram do extase dos seus ultimos sonhos.

Quasi se dão as mãos. Quasi se tocam as frontes. Confiam se, baixinho, os seus segredos, ou antes, não falam — que é a melhor maneira de falar. Envolve-os o fluído vago do silencio, e este silencio é a sciencia que corôa a vida — o silencio da morte.

Nós conheciamos essa rapariga pequenina — a Olivia — muito nova, com ares pretenciosos de dôna, rosto redondo e olhos tímidos, inquietos, quasi aflitos. O seio pubere começava a palpitar e a adejar-lhe, como avezinha que estremece as azas e tenta vôo. Sim. E voou...

Vôo de vertigem! Vôo de morte!

Mal a vimos, vêz primeira, logo sentimos que sobre ela pairava um destino de sonho e resignação. E' certo. Num recanto obscuro do cemiterio, lá dorme ela, em companhia do seu bem-amado, meigamente sonhadôra, resignada eternamente...

Pobres doidos! Vitimas do folhetim barato...

Esmagados da roda rechinante e vertiginosa do Progresso no chão lamacento duma grande-cidade, viciosa e impenitente. E foi para isto, afinal, que as suas mães lhe deram, com o leite, a doçura gratissima duma afeição suprema... Pobres doidos!

•

Não ha ainda muitos mêses — choviam diariamente, a miude, sobre as mêsas das redacções, telegramas pequeninos, noticiando sumariamente a resolução sumaria duma tragedia no grande mundo do Ar. Quedas desastrosas, avarias, correntes atmosfericas imprevistas — tais eram os motivos tragicos apontados.

As gazetas, arripiadas da vertigem abissal e das noticias de sensação, tinham já aberto, e assim a conservam, secção novissima, baptisada, com pompa, — o martiriologio da aviação. Burguês pacato, que nem na propria terra-firme confia, em absoluto, percorre, de relance, com a vista impaciente, o relato telegrafico, afinca, mais e melhor, sobre o solo, o seu pé reumatico, e encolhendo mais a cara sobre o cachaço apopletico, não deixa de dizer, sorrindo, alambazado e baboso de egoismo: Mais um! E passa adeante...

Por ventura, essa secção minguou visivelmente nos mêses ultimos. Os senhores aviadôres, para inveja icterica dos ultimos poetas decadentes, tornaram-se equilibristas distinctos do ar, funambulos das nuvens, nefelibatas audases que vão, espaços em fóra, numa serena cadencia ritmica, sem ameaços de queda logica irremediavel. Felizes!

Ultimamente, uma aura agoirenta de desastres tem soprado, a subitas, sobre o mar.

Hoje, a catastrofe do *Volturno* enche-nos de consternação. Foi surpreendido, em pleno mar, por uma explosão que o prostrou em chamas e o sumergiu em breve.

Socorros prestados com solicitude não puderam obviar á morte lenta desses que para ahi se perderam num abismo cavado em agua e fogo. Nesse dia, fundiram-se em bôa-harmonia os elementos mais discordantes para arrastar á morte, sempre certa, a vida incerta duns bichos vis da Terra...

Hontem — como já noticiámos neste mesmo logar — foi o *steamer Borborema* que meteu a pique o rebocador *Guarany* perto da Ilha Grande. A catastrofe do Rio de Janeiro enlutou pesadamente o Brazil e pôs manchas de sombra na celebração das Festas da Republica-Portuguêsa. Por isso, o almoço que o sr. ministro do Brazil e sua esposa, madame Teffé von Hoonholtz, ofereceram, no palacio da legação, a alguns oficiaes do cruzador *Benjamin Constant*, ainda que luxosamente disposto, teve um caracter intimo e discreto.

Benjamin Constant levantou ferro, e lá vae, agora, por esses mares em fóra, em demanda da patria estremecida...

ANTONIO COBEIRA.

PELO MUNDO FÓRA

Na ausencia temporaria, por motivo de saude, do nosso querido colega desta secção, e para que não deixe aqui de se registrar o que de mais importante vae succedendo lá por fóra, muito especialmente na politica mundial, outro assunto de mais interesse não se oferece, neste momento, do que a visita a Madrid de Mr. Poincaré, em retribuição da que D. Affonso XIII fez a Paris, ainda não ha muito.

Evidentemente a expressão destas visitas não é a de simples cortezia entre os dois chefes de Estados.

De ha muito que ideias de aproximação politica se esboçavam entre as duas potencias, ideias que melhor se definiram desde o acordo entre a Espanha e a França de cooperarem juntas em Marrocos, o que, diga-se de passagem, tem custado bastantes sacrificios aos espanhois, com um resultado muito problematico para Espanha.

Mas o governo espanhol dá de boa vontade todos os sacrificios, julgando-se, acaso, compensado se o seu paiz entrar na *entente* com a França e a Inglaterra.

O *entente* é tudo.

Na visita que D. Affonso XIII fez a Paris, manifestou-se bem aquele proposito, que na visita agora a Madrid mais se acentuou.

As festas em Madrid para a recepção do Presidente da Republica Francêsa, tiveram o brilho que foi possivel, debaixo da chuva incessante que cahiu nos dias 7 e 8. Comtudo carta particular que d'ali recebemos, nos diz, — o que aliaz a imprensa diaria bem deixou transparecer, — essas festas correram um tanto atormentadas de receios e desconfianças. Para isso bastou o espalharem-se boatos de que o rei D. Affonso XIII e o presidente do governo sr. Romanones, haviam recebido cartas anonimas ameaçadoras.

O que é certo é que a vigilancia policial foi intensa; fizeram-se visitas domiciliarias e rusgas, para limpar a cidade de individuos perigosos, e como se não bastasse a policia de Madrid, vieram de Paris, Mr. France comissario agregado com o seu secretario Picard e mais sete agentes, para auxiliarem a policia espanhola.

Chegou a aparecer um manifesto da Juventude Socialista Madrilena, em que, sem rebuço, se declarava que o facto de uma minoria de espanhois, embora ocupando altos cargos, não podia representar a soberania nacional que unica e exclusivamente só pertence ao povo e acrescentava:

«A nossa inimizade por todos os pactos secretos está bem assente em profundos desenganos.»

Nisto se envolvem ideias anti-militaristas que fazem seu caminho em Espanha como em França.

Felizmente as festas passaram a salvo de qualquer incidente desagradavel que as perturbasse, e o povo madrileno fez uma recepção carinhosa ao seu ilustre hospede, cobrindo-o de aclamações, como a D. Affonso XIII, que é bem um rei espanhol com todo o cavalheirismo da sua raça e que se tem esforçado para levantar a sua patria.

Os discursos brindes pronunciados pelos dois chefes dos Estados, no banquete de gala, são documentos que se devem registrar.

O rei de Espanha expressou-se nos seguintes termos:

«Senhor Presidente:

«Considero-me ditoso ao testemunhar-vos toda a alegria que sinto nesta ocasião, em que tenho a honra de vos expressar o

profundo reconhecimento com que recordo as minhas visitas a França.

«Rogo-vos que vejais no entusiastico acolhimento que a cidade de Madrid acaba de fazer-vos, uma eloquente e sincera manifestação das simpatias do povo espanhol para vós e para a vossa Patria, pois saudou em vós, ao mesmo tempo que a rectidão e as qualidades eminentes do homem, o passado esplendido e o presente glorioso da nação vizinha e amiga.

«A' hora em que Espanha e França se consagram a uma obra comum de civilisação além do Estreito, o acordo de ambas já está feito nos espiritos e nos corações e os nobres esforços para harmonisar as energias das duas nações, são ao mesmo tempo o impulso das almas e a consequencia duma necessidade irresistivel de logica, que leva a assegurar a solidariedade dos nossos interesses em uma colaboração fecunda.

«Não se apagará da minha memoria a recordação da vossa visita, porque descubro nella um penhor precioso para um futuro de intimidade e de boa inteligencia cada vez mais cordial entre Espanha e França, á qual dirijo agora a minha saudação de amizade e de profunda admiração.

«Desejo-vos a boa vinda e levanto a taça em vossa honra. Bebo pela prosperidade da França.»

O Presidente da Republica correspondeu com o seguinte discurso:

«Senhor:

«Estou profundamente comovido pelo acolhimento que me dispensou hoje Vossa Magestade e pela calorosa simpatia que o nobre povo espanhol tributa ao representante da França.

«Cada vez que Vossa Magestade se tem dignado ir ao meu país, e especialmente nestes ultimos mezes, quando teve a amabilidade de visitar-me em Paris, os meus compatriotas teem-vos feito vêr com as suas unanimes aclamações o fervor dos sentimentos que lhes inspira a vossa gentileza, a vossa bravura e a vossa cavalheirosa lealdade.

«Reconheceram em Vossa Magestade o amigo de sempre e satisfeitos ao saber que se encontravam suprimidas pelo recente Tratado todas as causas de desacordo entre as duas nações, apressaram-se em deixar-se levar sem nenhuma reserva, por naturaes inclinações, demonstrando a grande admiração que sentem pela valorosa e gloriosa Espanha e proclamando a sua vontade deliberada de estreitar entre ela e a França os vinculos duma amisade tradicional.

«O povo espanhol demonstra-me por sua vez com manifestações comovedouras que sente o mesmo impulso do coração e a força invencivel do interesse comum.

«A clarividencia da opinião publica tornou facil a tarefa dos governos.

«Tudo nos permite agora encarar confiados o futuro de boa inteligencia e de intimidade de que fala Vossa Magestade: as nossas afinidades hereditarias, a identidade da nossa civilisação e da nossa cultura, parentesco das nossas formosas linguas latinas, a solidariedade das nossas empresas africanas, a necessidade de desenvolver as nossas relações economicas, o nosso igual desejo pela manutenção da paz universal.

«Constituirá para mim uma alegria e uma honra o facto de que a minha visita possa contribuir para que a união entre os dois povos seja mais estreita e mais fecunda.

«Levanto o meu copo em honra de Vossa Magestade, de sua magestade a rainha, de sua magestade a rainha Christina, de sua alteza real o principe de Asturias e da familia real. Bebo pela grandeza e prosperidade de Espanha.»

Ligou-se grande importancia á demorada conferencia que D. Affonso teve com Mr. Poincaré, no dia da chegada. O mesmo sucedeu com a conferencia que o presidente do governo espanhol sr. Romanones teve com Mr. Pichon, ministro dos estrangeiros de França e que acompanhou o Chefe do Estado.

Não foram menos cordeaes os discursos que se trocaram no almoço que o Ayuntamiento de Madrid ofereceu ao Mairé de Paris e edis da grande capital que vieram tambem á Vila Coronada.

Se a Espanha se esforça por readiquirir a importancia que lhe compete no concerto das nações, a França não precisa menos alargar seu comercio um tanto abalado pela concorrencia de outros paises, especialmente da Alemanha. Deste modo não perdeu o ensejo de mais estreitar as suas relações comerciaes com a Espanha. Assim, a visita de Mr. Paincaré foi tambem acompanhada por uma missão comercial francêsa, que foi recebida pelo Circulo de la Union Mercantil de Madrid, a qual lhe ofereceu um banquete no Hotel Ritz. Neste banquete trocaram-se brindes na intenção de estreitar as relações comerciaes e industriaes entre os dois paises. No meio destes brindes recebeu-se a comunicação de que D. Affonso havia agraciado com a comenda de Carlos III a Mr. Barbier, chefe da missão, o que produziu grande entusiasmo nos comensaes.

Vê-se que no meio das festas se reuniu o agradavel ao util, não descurando os interesses da espanção comercial que cada vez mais preocupa as nações.

A seguinte comunicação feita á imprensa, confirma plenamente o que deixamos escrito:

«As conversações travadas por ocasião da visita do presidente Poincaré entre o conde de Romanones e os ministros dos negocios estrangeiros de França e de Espanha, relativamente a questões de caracter politico, economico e comercial que interessam os dois paises, demonstraram a perfeita concordancia entre os representantes dos dois paises: a politica de Africa prosegue de acordo com os principios da convenção de 1904, 1907 e 1912, e inspira-se nos sentimentos de inteligencia e amizade cordeal, correspondendo ás aspirações e necessidades da França e da Espanha. Estes principios terão a sua natural aplicação na politica geral dos governos de Paris e Madrid e nas questões sociaes que se relacionem com a obra de Marrocos.»

Depois de três dias de festas e visitas, incluinda a feita a Toledo, ritirou Mr. Poincaré de Madrid, dirigindo-se para Cartagena, onde devia embarcar no *Diderot*.

O rei Affonso acompanhou o Presidente até aquelle porto, onde embarcou para bordo do couraçado *España* emquanto Mr. Poincaré embarcava para o *Diderot*. Foi a bordo deste navio que os dois Che-Chefes dos Estados ainda se reuniram, em um banquete, trocando-se novos brindes.

No porto de Cartagena encontrava-se o couraçado inglês *Invensible*, que ali fôra expressamente para saudar o Presidente da Republica de França.

Esta gentilesa da Inglaterra penhorou muito o Chefe da nação francêsa, o qual se derigiu a bordo do *Invensible*, com o rei Affonso, sendo ali recebidos com todas as honras militares, e de bordo deste navio enviaram ao rei Jorge V um telegrama de agradecimento.

Assim se aproximam as três nações numa aliança, acaso sonhada por muito tempo, mas que as circunstancias só agora permittiram realisar.

R.

Alberto Nunes

Esculptor portuguez

A 15 de novembro de 1913 faz um anno que falleceu o esculptor portuguez Antonio Alberto Nunes. *Les morts vont vite*, e para que se não olvidem minucias da obra do mestre, um amigo que lidou com elle muitos annos vem coordenar uns modestos apontamentos, tributo de consideração pela memoria do homem e pela obra do artista, preito d'estima e de saudade pelo morto.

* * *

Antonio Alberto Nunes, filho de João Paulo Nunes, e de D. Escolastica Maria Freire, nasceu em Lisboa, no bairro d'Alcantara em 1838. De muito novo mostrou vocação para os estudos de desenho, e interessando se pelas obras dos mestres classicos, era de sua particular estima a esculptura, e a arte d'entalhador onde conseguiu ser official de merecimento. Os seus primeiros trabalhos de talha foram feitos sob a direcção paterna na officina, que ao tempo se organisara n'um casarão do palacio das Necessidades, onde o rei D. Fernando mantinha um grupo d'artistas no fabrico de mobilias de bom estylo, na restauração de molduras e obras d'arte, onde o conselho do rei artista era apreciado e attendido como d'auctoridade no assumpto, mais do que como o do patrão que pagava a obra, e que poderia exigir o trabalho feito a seu capricho.

D. Fernando notou, que o rapaz tinha intelligencia e vontade d'aprender, animou-o a que estudasse, e n'aquelle meio especial pelo conselho e pelo exemplo Alberto Nunes conseguiu fazer os preparatorios do curso de desenho da Academia das Bellas Artes, e agora instruido no seu mister viu rasgar se-lhe novo horisonte, e quiz entrar na vida artistica onde podesse ter futuro, e ganhar nome na pleiade dos artistas portuguezes. Largou a goiva da talha floreada, tomou o barro e o esboçador, o maço e o cinzel, o bloco de marmore, e resolutamente, com todo o enthusiasmo dos novos foi tentar a esculptura.

* * *

Ahi por 1860 a instrucção artistica em Portugal se já estava liberta do mysticismo da escola de Mafra, ainda se inspirava invariavelmente nos assumptos da mythologia, e da historia romana, e raro foi o rapaz d'aquelle tempo que não copiou os desenhos a dois lapis de Julien, umas paizagens com azenhas e choupos recurvados, umas cabeças de Madona com olhos lacrimosos, e os artistas de renome abalançavam-se a esculpir um Camões de corôa florida, ou a modular um baixo relevo, que mais ou menos variava entre Virginia assassinada pelo Pae, Mucio Scevola queimando a mão, Tarquínio a derrubar as papoulas altaneiras, Catão ou Lucrecia moribundos.

A historia romana era a fonte d'inspiração, e Alberto Nunes, que pouco mais contava de vinte annos, não poude furtar-se á influencia da escola do seu tempo. Necessitando de trabalhar para vi-

ver não lhe sobrava occasião nem dinheiro para se orientar n'um meio differente. Alberto Nunes, zeloso cumpridor dos seus deveres, foi um operario exemplar, que só pelo seu amor pela Arte conseguiu vir a ser artista na verdadeira significação da palavra.

* * *

Em 1868 apresentou o seu primeiro trabalho. Intitulava-se *Amor da Patria*. Era um legionario romano empunhando um estandarte. Era a obra d'um novo, mas d'um novo de talento. A critica occupou-se da estatueta e do artista. O romano energico e robusto, denodado dava um passo para a frente no caminho do Progresso, e por essa causa; mais do que pelo primor da esculptura, a obra foi applaudida, e premiada pelo jury.

Anatole Calmels admittiu o como alumno no seu *atelier* em S. Bento, e conseguiu, que a fallecida sr.ª duqueza de Palmella se interessasse pelo artista, concedendo-lhe um subsidio pecuniario, que lhe permittisse ir ao estrangeiro estudar e aperfeiçoar-se na arte de esculptura. Entrou para o *atelier* de Eugene Guillaume em Paris, e ahi, conceituado pelo mestre, dedicou-se ardentemente ao trabalho, merecendo ser por elle classificado como discipulo de valor.

De 1870 a 1873 trabalhou sobre a influencia do grande mestre francez, dedicando-se apaixonadamente ao estudo da escola classica antiga, preferindo a perfeição esculptural, e a harmonia simples e magestosa da figura humana aos complicados artificios de querer traduzir no marmore todos os arrojos da imaginação e da philosophia.

Por estes tempos a guerra franco-prussiana, o cerco de Paris e a revolta da Communa agitavam a França, e maus iam os tempos para quem a tão longe fora para cultivar as artes da Paz, quando fervia a Guerra.

O estrondo d'artilharia, o silvar das balas, o rebentar das bombas, o vozear da revolta nas praças e barricadas, não é o meio mais apropriado para os estudos d'um artista. E' real e prosaico de mais o estridor da Guerra para acalentar poeticos devaneios. Alberto Nunes assistiu ao cerco de 70, soffreu as miserias da cidade bloqueada, viu os bivaques dos prussianos no Bois de Boulogne, e conservou-se firme no seu posto d'estudante. Mas quando viu Paris entregue aos communistas, e o clarão do incendio esbraseando as ruas da cidade, n'essa occasião regressou a Lisboa pesaroso da lucta fraticida.

Depois da victoria do governo de Versailles ainda voltou a França, mas demorou-se pouco tempo. Guillaume dedicara-lhe uma affeição quasi paterna, era chegada a occasião d'entrar abertamente na carreira d'esculptor, cuja estrada triumphal o mestre lh'indicára. Um dia ao ver a *maquette* d'uma figura, que o discipulo modelava, disse aos seus alumnos: «O portuguez ha de vir a ser um mestre. Tem talento e energia.»

A obra realisada em França resente-se da influencia do meio em que foi inspirada e produzida.

Ha em toda ella uma suave tristeza e saudade de peninsular que se vê em terra estranha a que falta a luz viva, e o ceu azul da patria portugueza. O busto da *Baccante* tem nos labios um sorriso passageiro, e nos olhos apenas um lampejo d'alegria. Apesar dos pampanos de que está coroada, mais parece uma camponeza que regressa da vindima, e vem rindo e dançando pela estrada com as companheiras, do que a corybante rubra e folgasã a tripudiar doidamente na baccanal com os satyros foliões. Quiz transigir com a alegria do bairro latino, foi sentimental e ingenuo como um trovador peninsular.

O filho prodigo é um bom estudo de modelo vivo, de que só Roma e Paris tem o previlegio. E' um rapaz romano, que percebeu bem que se queria d'elle a imagem da saudade do lar e da familia, e que soube incarnar-se no papel que lhe foi destribuido, e a que o artista, copiando, deu a nota sentimental do guardador de porcos, que morre de saudade, e sente o arrependimento de ter fugido para longe. E' o assumpto melancolico como se a personagem representada estivesse em seu intimo a maldizer a guerra.

E' d'essa época a figura de *Cornelia* conduzindo nos braços uma urna funeraria. E' um magnifico estudo de panejamentos, feito com verdadeira arte, e dando majestade á figura da matrona. A cabeça inclinada para a frente demonstra o pesar que vae soffrendo, deslizam-lhe lagrimas pelas faces. Dir-se-hia ser a personificação da Dor das mães, cujos filhos morreram na batalha. Quem sabe se a magua d'alguma das grandes derrotas de 1870, e as recordações da historia romana foram as inspiradoras da figura de *Cornelia*.

ALBERTO NUNES

A estatueta *Eucharestia* faz um contraste frizante com as que ficam apontadas. E' um Jesus-menino envolto com tunica alvissima, e tendo nas mãos umas espigas de trigo e um cacho d'uvas, o pão e o vinho, o corpo e o sangue do sacrificio redemptor. Parece ser o invocar d'uma idéa consoladora; um contraste frizante entre a lei da fraternidade humana, e a mortandade dos campos de combate retintos de sangue, devastados de miseria, contrapondo-se a um quadro brilhantissimo. Esta estatua marca uma *etape* na obra do artista. A idéa triumpha dos preceitos esculpturaes. As linhas da figura e as roupagens são largas e bem lançadas. Evola-se da obra um suave mysticismo, que lhe dá o principal valor.

São d'esta época algumas figuras dos heroes da historia portugueza, *maquettes* de cunho artistico vigoroso, algumas das quaes destinavam-se aos nichos da arcada da praça do Commercio, convenientemente ampliadas e aperfeiçoadas, dignas da commemoração e do logar. Possuo um *Affonso d'Albuquerque protegendo a India*, e um *D. João de Castro triumphante* do rei de Cambaia, que se curva a seus pés como captivo. Teem majestade apesar das suas pequenas dimensões, da largueza do esboço, e do granulado do gesso que uma côr bronzeada dissimula. Inspiradas nas *Lendas da India* de Gaspar Correia, não lhes falta o rigor historico de quem soube estudar o assumpto nas interessantes paginas do chronista.

E' manifesta em toda a obra a influencia e o progresso adquirido na escola de Guillaume. Perdeu o amaneirado dos primeiros tempos em que ainda se denotava o entalhador; adquiriu largueza no traçar da figura, rigor no avultar da musculatura, completou a educação artistica para emprehender obra de mais vulto.

(Continúa.)

J. B. D'OLIVEIRA.

Exposição Nacional das Artes Graficas

Visita ás oficinas de fotogravura de Pires Marinho

Referiu-se a cronica do numero antecedente á inauguração deste belo certamen das artes graficas portuguêsas, com aquele louvor que tal emprendimento merece, excedendo, porventura, toda a espectativa, apesar de alguns estabelecimentos deste ramo industrial não se terem feito representar.

Foi um chamamento de forças que, no grau em que se apresentaram, já constituiram uma prova consoladora do progresso que as artes graficas têm atingido no país.

Nas salas que, no edificio da Imprensa Nacional, se destinaram a esta exposição, em numero de sete, foram dispostos artisticamente os productos, muitos deles em instalações dos proprios expositores.

Numa grande profusão encontravam-se aguarelas que serviram de originaes a tricomias admiravelmente reproduzidas, provas de gravuras em madeira, em simile gravura quimica, zincografia, composição e impressão tipograficas, litografia, em todos os generos, incluindo estampagem em folha de ferro, papeis nacionaes, encadernações de toda a ordem, além de obras retrospectivas, como, para assim dizer, servirem de termo de comparação, ao mesmo tempo que constituem documentos do passado, tudo ali se pôde vêr e apreciar.

Da importancia desta exposição diz o interesse que o publico por ela tomou enchendo as salas ávido de curiosidade, apreciando de modo pouco vulgar as obras expostas.

A analise mais detida dessas obras faz-se aqui em outro artigo tecnologico. Neste nos vamos antes referir ás visitas feitas a varios estabelecimentos graficos, pela comissão e juri deste certamen e por expositores.

*

No cumprimento do programa da exposição realisaram-se as visitas a que acima nos referimos, principiando pelas Oficinas de Fotogravura Pires Marinho e Tipografia do Anuario Comercial. A estas nos vamos agora referir.

Foi no dia 7 do corrente que pelas 15 horas chegou ás Oficinas Pires Marinho, estabelecidas em parte do Palacio Foz, na Avenida da Liberdade, a comissão organisadora da exposição com o presidente sr. Luis Derouet, membros do juri e expositores.

Estas oficinas de uma industria moderna deviam despertar certa curiosidade e interesse dos visitantes, que de facto não tiveram de que arrepender-se.

Os visitantes, recebidos pelo sr. José Pires Marinho com a mais cativante delicadeza, foram por este sr. acompanhados a todas as oficinas, em plena laboração, por onde os srs. Marinho, Alfredo Roque, encarregado, e José Gomes, gravador zincografo, foram dando todos os esclarecimentos sobre a complexidade dos trabalhos e maquinismos ali empregados, podendo-se vêr uma grande maquina fotografica, a maior e mais complicada que existe no país, e que importou em réis 1:700$000, empregada no processo da tricomia ou gravuras em cromo, verdadeiramente admiravel.

Poude-se assistir á laboração das vastas oficinas, desde a sensibilisação da chapa pelo clodio, fixação, secamento e impressão, até á gravura pelos acidos, o que tudo se realisa rapidamente, pelos processos mais modernos e com admiravel perfeição, como não se faz melhor nem mais rapido no estrangeiro.

Entre os varios trabalhos que na ocasião se estavam executando, poude-se notar uma série de retratos do actor Augusto Rosa em varios papeis do seu repertorio, reproduzidos de nitidos e belos desenhos á pena de Roque Gameiro.

Percorridas as varias oficinas, o sr. Marinho, muito gentilmente, convidou os visitantes a um copo de agua que foi servido numa das ditas oficinas para o efeito disposta.

Foi um pretexto que a muita modestia do proprietario deste importante estabelecimento usou, para agradecer aos visitantes, e em sinceras palavras contar, ainda que resumidamente, o grande esforço de trabalho em longas lucubrações e dispendio de capital que foi mister para introduzir em Portugal a moderna gravura quimica.

Quem escreve estas linhas foi testemunha de grande parte desses trabalhos desde seu inicio, ha mais de 20 anos, acompanhando de perto todas as tentativas.

No Occidente se publicou a primeira gravura, reprodução de um quadro, *Hero e Leandro* (1), que foi como que o primeiro raio de luz a alumiar a escuridão do problema a resolver.

José Pires Marinho com a sua ideia fixa de devassar, o que entre nós era quasi um segredo, não duvidou ir á Alemanha e, como simples operario, vestindo a blusa azul, entrar num estabelecimento de fotogravura e ali estudar e praticar até conhecer, quanto possivel, os segredos daquela arte.

Voltou, continuou com mais firmesa os seus estudos e, em pouco tempo, realisava progressos apreciaveis que o Occidente foi publicando e que começaram a ser conhecidos do publico.

Decididamente Pires Marinho entrara no segredo da nova gravura e, deixando a escola de letras, em que era distinto professor, estabelecia uma outra escola para ensinar gravadores zincografos, creando assim em Portugal a nova gravura quimica, como o autor destas linhas havia tambem creado uma escola de gravura em madeira, onde por mais de trinta anos educara gravadores mas que o progresso, vinha substituir pela gravura quimica.

A gravura em madeira, seguia a mesma sorte da gravura em cobre ou a talhe doce.

(1) Vide Occidente, vol. xvi de 1893, pag. 156, n.º 524.

As rasões que fizeram substituir a gravura em cobre pela de madeira, eram aproximadamente as mesmas que subsistiam para a substituição da gravura em madeira pela gravura quimica.

Dissemos aproximadamente, porque no primeiro caso uma gravura artistica, que participava da alma do seu autor, era substituida por outra tambem artistica que levava a vantagem de custar menos por isso que se fazia em menos tempo; no segundo caso, a gravura em madeira era substituida pela gravura de processos quimicos, que tinha a vantagem da barateza e da rapidez.

O espirito utilitario dos tempos, industrialisando tudo, tinha de triunfar. A arte ficava só para os amadores do Belo.

A gravura quimica, tendo por principal agente a fotografia, reproduz com extrema fidelidade, sem outro esforço que não seja a perfeição das lentes e a pericia do operador.

O esforço empregado pela gravura manual nem sempre chegava aquele *desideratum*.

O descobrimento de que pela gravura quimica se podia obter a tricomia abrio maior campo de exploração aquela pelas variadas aplicações a dar-lhe tanto na reprodução de quadros coloridos, de oleo ou de aguarela, como a impressos destinados á industria ou ao comercio.

Um exemplar de tricomia reproduzindo um quadro do pintor animalista Girão, ofereceu o sr. Pires Marinho a todos os visitantes como delicada lembrança daquela visita e ao mesmo tempo bela prova dos trabalhos executados nas suas oficinas.

A tudo isto chegou Pires Marinho nas suas oficinas com aquela perfeição que rivalisa com o estrangeiro de modo positivo e pratico.

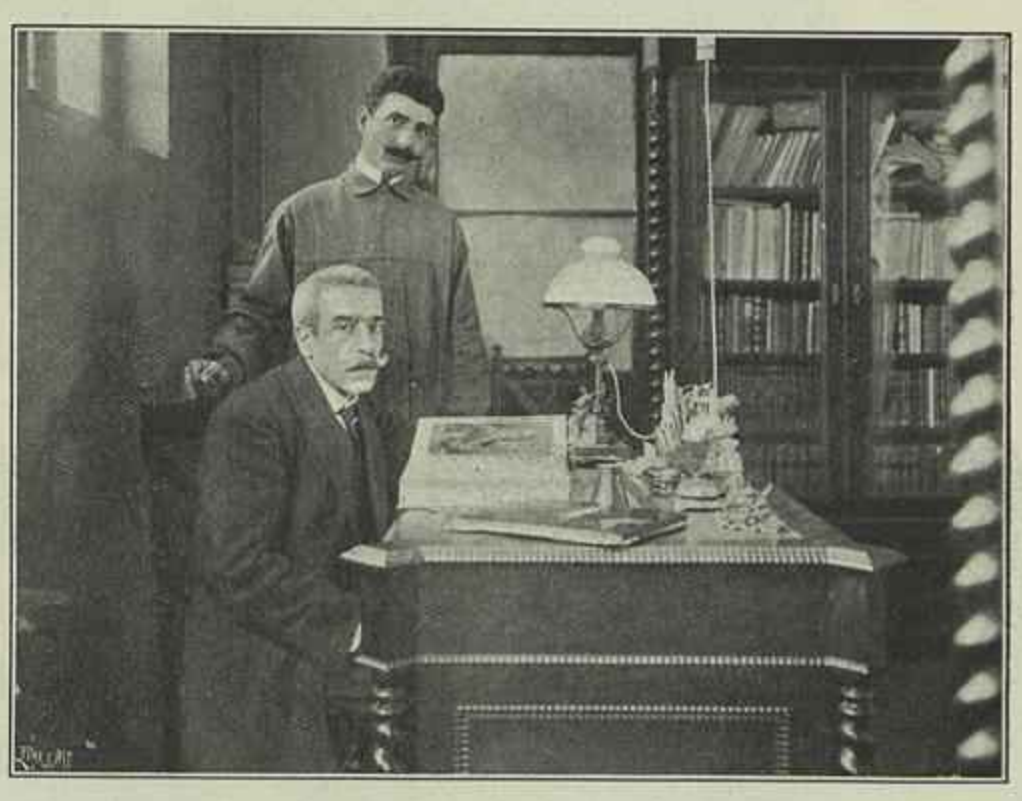
Tanto poude a tenacidade e inteligencia de um homem, que veio facilitar extraordinariamente as publicações ilustradas e, por isso dar um dos maiores contingentes para o alargamento e progresso das artes graficas em Portugal.

* * *

Terminada a visita ás oficinas Marinho, segue-se a que a mesma comissão, juri e expositores fez ás oficinas tipograficas do *Anuario Comercial*, uma das primeiras tipografias de Lisboa.

Aqui foram recebidos pelo director sr. Carlos Abreu e pelo chefe das oficinas de impressão, sr. Ricardo de Sousa, os quaes mostraram aos visitantes as diferentes secções da tipografia, desde a fundição, composição e estereotipia até á impressão, que possue as maiores e mais aperfeiçoadas maquinas, tudo movido a elétricidade.

Os visitantes sahiram belamente impressionados, trazendo uma linda recordação da visita, qual foi a de uma rosa impressa em relevo com as côres naturaes, só com uma chapa, ou gravura, fazendo assim a tricomia no prelo, trabalho dificil e que é boa prova de pericia do impressor.



Pires Marinho no seu Gabinete com o chefe das oficinas Alfredo Roque

Em dias subsequentes a mesma comissão e expositores têm realisado visitas ás oficinas tipograficas da Misericordia, Imprensa Nacional, Libanio da Silva, Universal, *Seculo*, *Luta*, Litografia Portugal e Editora de Justino Guedes e em todas encontrando justificados motivos de louvor, pela sua bela organisação e perfeitos trabalhos, como de resto as mesmas apresentam, na exposição a que concorreram.

A visita feita á Tipografia Universal ou do *Diario de Noticias*, depois de um delicado copo de agua oferecido aos visitantes, foi seguida de uma romaria ao monumento de Eduardo Coelho em S. Pedro de Alcantara. Entre os brindes que se fizeram não podia ser esquecido o fundador do jornal de 10 réis em Portugal. Foi assim que, por proposta de Justino Guedes, todos se dirigiram, em piedosa romaria, até junto do monumento e cobriram de flôres o busto de Eduardo Coelho.

A ultima visita foi, como chave de ouro, ás oficinas tipograficas e litograficas da *Editora*. Para ela convidou o nosso antigo amigo, Justino Guedes, o sr. Presidente

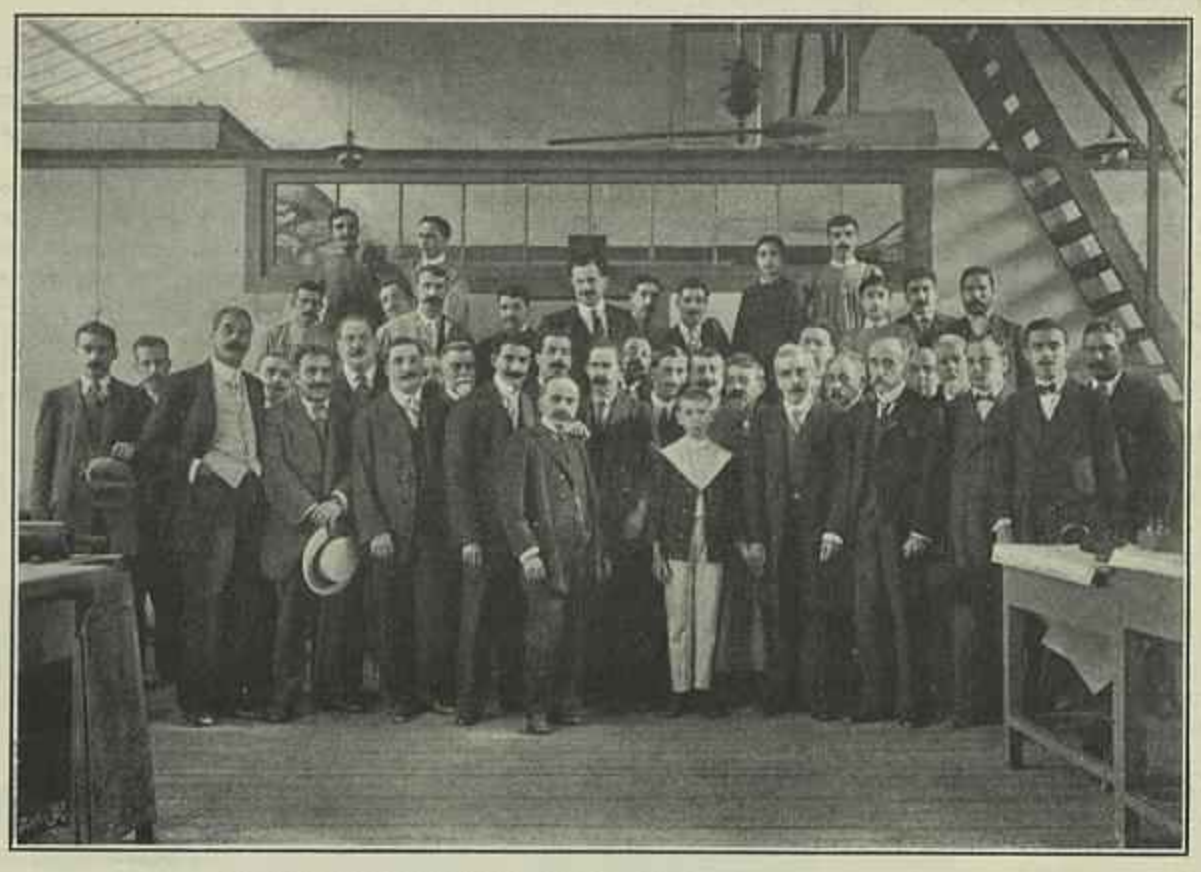
Exposição Nacional das Artes Graphicas

da Republica, Ministro do Interior, Presidente da Camara dos Senadores, sr. Anselmo Braancamp Freire, o que imprimiu maior importancia ao acto, dando-se ainda a circunstancia de naquelas oficinas de industria particular se reuniram os dois principaes ramos das artes graficas: tipografia e litografia, o que ofereceu maior campo de observação.

A perfeição com que estas industrias são ali exploradas, como se prova pelo material que emprega, com magnificas maquinas modernas, e bom pessoal operario a que se junta o cuidado de Justino Guedes na execução dos trabalhos, tornam este estabelecimento um dos primeiros deste genero, no paiz.

Tudo isto o comprovaram os visitantes, que não pouparam justos elogios ao sr. Justino Guedes, nos calorosos brindes que se levantaram na brilhante festa com que esta visita terminou.

C. Alberto.



VISITA ÀS OFICINAS PIRES MARINHO — Grupo dos visitantes, com o sr. Pires Marinho e pessoal operario

Provas de gravuras sim'le e tricomia das oficinas Pires Marinho, na Exposição Nacional das Artes Graficas

As patrulhas da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1 bivacando na Praça do Comercio, em Lisboa, antes da partida para o percurso de 200 kilometros

A instrução militar preparatoria

A instrução militar é hoje uma preocupação constante das nações, apezar de todos os protestos que se formulam e todos os esforços que se fazem para que seja mantida a paz do mundo.

Chega-se até a afirmar que a sustentação dos grandes exercitos, a invenção das mais terriveis maquinas de guerra, todo o aparato belico que se mostra por toda a parte é o melhor meio de manter a paz. Mas quão latente anda o espirito da guerra naqueles que isto afirmam armados até os dentes!

As nações pequenas vêem-se assoberbadas, quando mais não seja para manter a sua neutralidade, e Portugal não podendo ficar indiferente no meio desta atmosfera belica, procura desenvolver, a sua instrução militar, cuidando quanto póde dos seus meios de defeza.

Neste ponto todos os portuguêses se mostram de acordo, e é ver como nos ultimos tempos o povo livre e voluntariamente procura instruir-se militarmente, de modo que cada cidadão pacifico possa ser, num dado momento um valido defensor da sua patria, como se pratica na Suissa e outras nações pequenas.

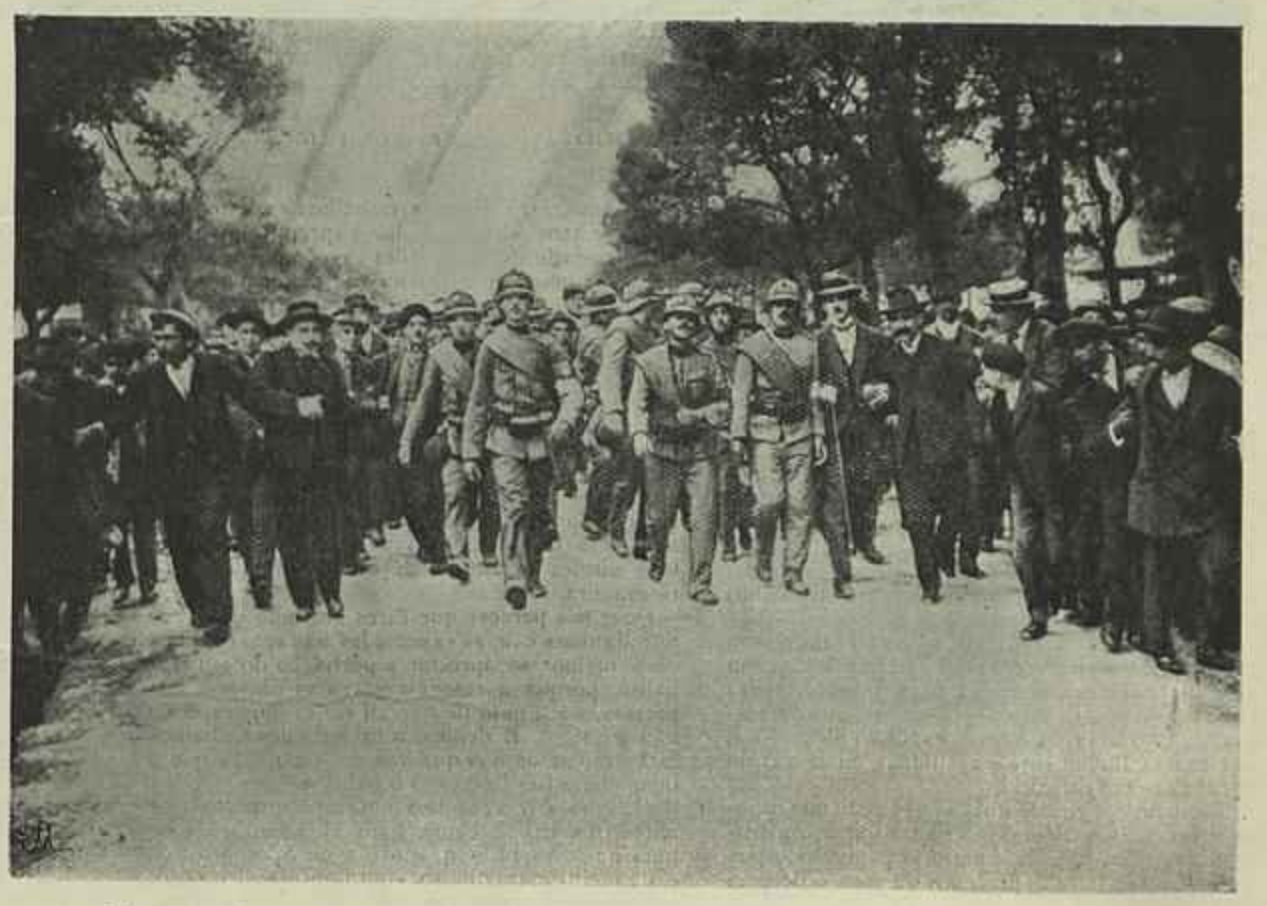
A Sociedade de Instrução Militar N.º 1, com sua séde em Lisboa, abria a este proposito um exemplo digno de se imitar. Querendo praticamente exercitar seus socios em marchas de campanha, aproveitou o presente outono para realisar uma prova militar, do percurso de 200 kilometros a pé, por doze patrulhas, cada uma composta de tres dos seus associados, com equipamento de infantaria ligeira.

Escolheram a Praça do Comercio para armarem o acampamento de bivaque, dispondo as suas tendas-abrigos como em campanha e dali partiram para Loures, primeira *étape* do percurso, onde chegaram ao mesmo tempo; na seguinte *étape* até Torres Vedras adeantaram-se consideravelmente duas patrulhas; do percurso até ao Cadaval desistiram duas.

Para uma primeira prova o resultado excedeu a espectativa, sendo digno de notar-se que homens que pela primeira vez faziam uma tão longa marcha, chegando a percorrer a pé 220 kilometros, dessem uma tão brilhante prova de energia e força de vontade, animados de um verdadeiro espirito militar e de disciplina a que voluntariamente se sujeitaram.

Pelas povoações onde estas patrulhas passaram fôram muito carinhosamente recebidas pelo povo, que dispensou áqueles voluntarios da patria os confortos que os mesmos podiam aceitar sob a disciplina do seu programa.

O regresso a Lisboa foi um triunfo, indo muitos amigos e mais povo esperar estes voluntarios da patria e ovacional os como era justo.



Regresso a Lisboa das patrulhas da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.º 1

Uma visita á Exposição Nacional das Artes Graficas

Muito antes de abrir a Exposição Nacional das Artes Graficas, já se dizia por ahi á bôca pequena, cochichando pelos cantos das oficinas, ou nos centros mais concorridos pelas sumidades graficas, que a exposição redundaria num *fiasco* monumental, porque a grafia portuguêsa nada tinha a apresentar ao publico, e até, que a maioria das casas não concorreriam com os seus trabalhos.

Pois confesso-o aqui, sem receios nem tibiezas que, se não fui dos que disse mal, fui comtudo um dos que acreditou em parte no que se dizia.

Por isso, mal abriu a Exposição, cheio de curiosidade e armado de um sorrisosinho mefistofelico, fui me até lá.

Fiquei simplesmente embasbacado!

A Exposição não era nada do que eu supunha!

Parecia que a varinha magica d'alguma encantadora fada, tinha transformado aquelas sete salas da Exposição, nas salas onde viviam a Arte e o Bom gosto.

A luz entrava a jorros pelas amplas janelas, iluminanda nitidamente os quadros expostos e a vista enebriava-se com a profusão dos objectos que admirava.

E' que, se não houve a varinha magica da encantadora fada, houve a tenacidade e o desejo ardente do sr. Luis Derouet, dignissimo administrador da Imprensa Nacional de Lisboa, que arcando com a enorme responsabilidade dum certamen desta ordem, não se poupou a sacrificios para levar a cabo a dificil empresa em que se tinha metido.

Mas Luis Derouet deve estar satisfeito por vêr coroados os seus esforços, pois a Exposição, a primeira que se faz no país neste genero, tem o mago condão, de não só interessar os profissionaes, como tambem aqueles que desconheçam por completo as artes graficas.

Aqui deixamos tambem consignado o nosso louvor a Gregorio Fernandes, o inteligente chefe das oficinas da Imprensa Nacional, que muito ajudou e trabalhou para que a Exposição alcançasse o esplendor que toda a gente lhe nota.

E depois deste pequeno introito, vejamos agora o que é a Exposição.

* * *

Os individuos com quem tenho falado sobre o assunto, notam não estar tudo aquilo dividido por secções, encontrando-se, *tipograficamente falando*, tudo *empastelado*, isto é, a tipografia junta com a litografia, com a encadernação, com a estereotipia, etc., mas d'isso não tem culpa, nem quem organisou a Exposição, nem quem enfeitou as salas.

A culpa é simplesmente dos senhores expositores, em estarem guardando para a ultima hora, o envio dos seus trabalhos, *entalando* assim quem presidia á arrumação dos productos.

E' pecha antiga, isto, e parece não haver meio de pôr côbro a este costume.

E, com franquêsa, foi pena que tal sucedesse, pois estando tudo dividido por secções, não só melhor se poderia analisar as diferentes especialidades, como tambem o juri, se não veria tão embaraçado para a classificação dos premios.

Não podendo tratar aqui, detalhadamente, de cada um dos 139 expositores, porque isso encheria muitas colunas desta ilustração e o espaço de que disponho é exiguo, tratarei apenas de alguns que mais se salientam com os seus trabalhos.

* * *

Logo á entrada, antes de subir a escada que dá para os andares superiores, voltando ao lado direito, encontra-se a instalação da *Casa da Moeda*, muito bem representada com sêlos, notas do Banco, galvanos diferentes, etc., tudo muito bem gravado, e sobretudo muito bem disposto.

Nesta secção tambem a *Imprensa Nacional* se faz representar em cunhos e outros trabalhos de grande precisão e nitidez de relevo.

Passando á sala seguinte, vê-se ao fundo uma montanha enorme de papel de impressão, em resmas, bobines de papel para jornaes, redes para a impressão *a agua*, etc., pertencente á *Companhia do Papel do Prado*, expondo além disto, em pastas lindamente executadas, amostras do papel por ela fabricado.

Tambem é digna de nota a exposição que o *Seculo* faz, pela variedade das suas obras, *Ilustração*, matrises, clichés dalgumas paginas do jornal, as quaes, para os profanos da arte, é de uma confusão imensa.

E' aqui tambem que a *Editora* apresenta as suas belas encadernações, e, apesar de não serem modernas, formam um conjunto muito agradavel.

Voltando depois ao primitivo sitio e entrando para o lado esquerdo, estamos na secção fotografica, ademiravelmente represntada pelas casas *Augusto Rato*, *A. Franco*, *D. Alvão* do Porto, *Bitard* e outras que é impossivel inumerar e cujos trabalhos são tão nítidos, tão impressionantes, tão belos, que não sabemos dizer qual delles seja o melhor.

Principalmente os trabalhos de *Benoliel*, o reporter fotografico do *Seculo*, tem instantaneos admiraveis, sendo digno de nota pela sua originalida, «A festa da bandeira».

Subindo ao primeiro pavimento, encontra-se logo uma grande sala onde estão trabalhos de verdadeiro merecimento artistico, salientando-se dois enormes quadros do *Anuario Comercial*, outros de *Pires Marinho*, outros de *Paulino Ferreira* que é sem duvida uma das primeiras oficinas de encadernação do país, outros de *Libanio da Silva*, emfim tantos e tantos, que a gente não sabe em qual deve fixar mais a nossa atenção.

A Installação de Joshua Benoliel, reporter fotografico

O *Anuario*, além dos trabalhos expostos nos quadros, tem, sobre aparadores apropriados, grande variedade de impressões executadas nas suas oficinas, mas o publico na sua maior parte não as analisa, porque lê os letreiros: *Pede-se o favor de não deteriorar os objectos expostos*, e depois arreceia-se. Olha, vê exteriormente, e passa adiante.

E é pena, porque dentro daqueles livros, estão paginas de valor artistico, e... a nosso vêr, de mais valor até do que os trabalhos expostos nos quadros.

Pires Marinho que é hoje o nosso primeiro zincografo e não precisa de reclamos á sua casa, apresenta trabalhos de muito merecimento e de uma nitidez incontestavel, principalmente em foto-gravura.

Quer-nos parecer que Pires Marinho devia expôr algumas chapas executadas nas suas oficinas, para melhor se apreciar a perfeição do seu trabalho, porque apresentar gravuras sómente impressas, dá a nota de que ali se *faz impressões* e não *gravura*. E depois, a maioria dos trabalhos estão repetidos nos quadros do *Anuario*, o que é dum efeito pessimo para o publico.

Paulino Ferreira nos enormes quadros que apresenta, expõe capas para encadernações de luxo que são tudo quanto ha de mais artistico e de efeito maravilhoso, com impressões a côres que realçam e dão um valôr enorme aos livros.

Caetano Alberto expõe tambem dois quadros com trabalhos de gravura em madeira. Caetano Alberto que foi um dos artistas de mais nome do seu tempo, tem ali trabalhos de uma correcção de traço e firmeza de buril, digna de notar se. A gravura em madeira está hoje morta pela fotogravura, mas tem ainda muitos admiradores.

Deixando este pavimento e subindo uma pequena escada, temos logo na nossa frente outra sala onde *Candido da Costa*, fabricante de tintas de impressão, expõe os seus productos, que todo o mundo tipografico conhece de ha muito, e por conseguinte não precisa de maior referencia.

E' nesta sala que está o *clou* da Exposição. Um *amor-perfeito* executado a vinhetas de corpo três, distribuidas por onze fôrmas, que tantas são as côres de que se compõe a flôr depois de impressa.

Comquanto não seja novidade entre nós trabalhos deste genero, é digno de admirar-se pela paciencia verdadeiramente *chineza* que o artista, o sr. Amoedo, tipografo da Nacional, teve para levar a cabo a sua obra.

Parece-nos, entretanto, que para *amor-perfeito*, se poderia ter escolhido um outro de mais vista, um modelo que desse mais a nota. Assim lembra mais violetas que *amor-perfeitos*.

Mas isto não desmerece em nada o artista nem o trabalho, tanto do tipografo como do impressôr, que embora não figure como expositor, tem a sua parte na execução, (e que não é pequena) e é digno de todos os nossos encómios.

A Cezar é o que de Cezar!

Deixando esta sala e entrando na outra do lado, vê se ao fundo, num pequeno quadro, o estudo sobre uma pinha, que o sr. *A. de Azevedo* teve a habilidade de transformar em desenho de vinhetas de combinação muito interessante.

E' nesta casa tambem que *Roque Gameiro* expõe os seus bilhetes postaes, em aguarelas de um colorido e de um desenho correctissimos, cheios de luz e de vida, e que são um verdadeiro mimo, como não podia deixar de ser, pois Roque Gameiro é incontestavelmente o nosso primeiro aguarelista.

Um dos bilhetes está já ampliado e em diferentes provas litograficas, com as côres divididas, num outro quadro ao lado.

Apezar de tudo, nota-se em toda a Exposição que a parte propriamente tipografica está pobre e completamente ofuscada pela litografia que se apresenta variadissima, em cartazes, etiquetas, rotulos, trabalhos commerciaes, etc., etc.

Só a *Litografia Portugal* apresenta nada menos de 42 cartazes diferentes, pois sendo uma das principaes casas no genero, quiz mostrar com esta exibição quanto adiantado está este ramo entre nós.

A *Editora*, na parte litografica, tambem se apresenta com trabalhos de grande valor artistico, não ficando atrás do que se executa lá fóra, no estrangeiro.

Em todas as secções, ou melhor dizendo, em todas as salas, a *Imprensa Nacional* tem espalhados os seus trabalhos, de tipografia, litografia, galvanoplastia, fundição, etc., mas a maioria deles não são modernos.

E é para lamentar, porque a *Imprensa* tem um grupo de artistas que decerto se salientariam numa exposição desta ordem.

Em conclusão:

A nosso vêr, a Exposição é digna de todos os elogios, e se não fôsse a má vontade de muitos dos senhores industriaes temos a certeza de que ela seria muito melhor, pois bôa vontade e esforços do iniciador, sr. Luis Derouet, não faltou, porque o ilustre administrador da Imprensa Nacional deseja elevar a arte gráfica ao nivel a que tem jus, não se poupando ao trabalho mais arduo para o conseguir.

Ricardo de Souza.

A honra é a poesia do dever.— *Alfred de Vigna.*

*

A graça é ainda mais bela que a beleza. — *La Fontaine.*

Por montes e valles

(Notas a esmo)

(Conclusão)

Em meia duzia de quartos de papel, escriptos sobre uma tôsca mesa de pinho do meu humilde gabinete d'aldeia, venho hoje dizer as ultimas impressões da minha estada no c mpo, deixando no meu espirito recordações sagradas de saudade.

Não pude, é certo, deliciar o leitor com elevadas flôres de estylo, resta-me ao menos a consciencia a dictar-me que procurei ser sincero fazendo todo o possivel em traduzir, a travez da minha prosa, todos os encantos que estas regiões me deixaram, momentos deliciosos, horas de um conforto moral admiravel, dias em que a minha alma se elevou a logares de paz e socêgo.

E agora que estou a deixar d'aqui a horas estes sitios, mais elles me dispertam

Um trecho do lugar de S. Gregorio
(Cliché do distinto amador Sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

no meu coração um vago estado de tristeza illuminado por uma melancholia infinita.

Quando no comboio que me transportará a Lisboa, vierem á minha mente estas payzagens banhadas de intensa luz, toda esta bôa gente que tão carinhosamente me tratou, sentirei uma profunda dôr, pensando nos mezes de ausencia que terei, até vir visita-los de novo e conviver novamente com elles.

O campo é um livro immenso, que todas as vezes que o folheamos encontramos coisas novas.

Um abysmo rasgado entre duas montanhas desperta em nós, de cada vez que o contemplamos, phenomenos diversos. Um vergel florido recama-se aos nossos olhos de coloridos differentes. A solitaria charneca atapetada de carqueja em flôr, ora nos dá a impressão de alegria, ora nos faz nascer as ideias de melancholia, de grandeza. O murmurio dos rios, o gemer das fontes, os cantos das aves, as canções das raparigas, as eiras côr de ouro, tudo emfim nos disperta uma série infinita de pensamentos, de estados d'alma que ficam gravados para jamais se apagarem da nossa sensibilidade.

Podemos comparar o campo ás symphonias de Beethoven, pois todas as vezes que as ouvimos lhe encontramos compassos novos de rara Belleza!

Dois dias de sol, apoz uma semana de chuvas, deramme ensejo de visitar dois logarejos que não conhecia. Fanadia e S. Gregorio. A totalidade da estrada é lançada atravez de charneca, dandonos esta toda a força da sua aridez. Mas em compensação, por momentos, a nossa vista espraia-se em largos horizontes, tendo como fundo as serras de Rio Maior, destacando-se com a sua côr azulada do resto da natureza verdejante que se divisava levemente.

Fanadia
(Cliché do distincto amador sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

Aqui e alli pequenas povoações dão á paysagem um tom de alegria delicada e simples.

A Fanadia é a primeira aldeia que se encontra. Meia duzia de casas dispostas á beira da estrada; ao terminar o lugar uma capelinha interessante, e varias adegas.

Depois da Fanadia, á distancia talvez de dois kilometros, encontra-se em um pequeno outeiro a capela de S. Gregorio dominando algumas fazendas de vinhas e oliveiras, e um moinho bastante curioso, fazendo lembrar um trecho de campo holandez.

D'ahi a pouco entra-se no lugar de S. Gregorio.

E' tambem bastante insignificante, mas muito mais pitoresco que a Fanadia, pois fica situado n'um alto. As casas são demasiado rusticas, e a mór parte têm, nas beiras dos telhados, renques de abóboras a receberem os bellos e dourados raios de sol.

Mariana Rosa Alves Trapalha
de 107 anos de edade
(Cliché do distinto amador sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

Entre as casas não existe a mais insignificante rua, mas sim as costumadas estrumeiras com o seu cheiro caracteristico.

Como nota curiosa: fallando com um pobre velho e dizendo-lhe eu quanto aquelle lugar ficava distante, elle olhou para mim com aspecto sério e replicou-me:

— Com os *carros a fôgo*, meu senhor, não ha longes; que raio de coisas que o *home* inventa!

Conclui então que os *carros a fôgo* eram os automoveis.

Gente rustica e bondosa, almas simples, que nos encantam sempre!

No dia seguinte voltei ao lugar do Couto, ao casal da Serralheira para assistir a uma festa bastante sensibilisadora; festejava-se o centenario de uma velhinha que nascera a 6 de outubro de 1813. Chama-se Marianna Rosa Alves Trapalha, teve tres filhos, dos quaes vive Maria Angelica que tem 70 annos, 9 netos e 28 bisnetos. Tem uma irmã com a edade de 96 annos.

Houve jantar de familia, musica e foguetes, verdadeira festa d'aldeia.

Todas as crianças do logar foram festejar a pobre velha, como se fossem anjos a conhecerem aquella alma que em breve tempo subirá ás regiões sagradas da Paz e do Amor.

E agora, deixando estes lugares, levo na alma bem gravado todo o esplendor, toda a força da Belleza d'estas regiões, que têm para mim um conjuncto de attractivos como só existem em terras de Portugal.

Alfredo Pinto (Sacavem).

Recordações...

Carta a J. A. de C.

Meu velho:

Eis-te de nôvo nessa Lisbôa, que eu amo do fundo do coração e do mesmo modo aborrêço.

A estas horas imagino-te sentado deante d'uma escrevaninha, mastigando á fresca indigestas paginas do *Direito Civil*, de cuja materia darás conta aos Mestres, brevemente.

Quizera acompanhar-te nessa maçada estupenda; acceita a bôa-vontade, que nada mais te posso offerecer agora.

Já sabes de ha muito que não te appareço ahi. Julgo melhor aproveitar 15 dias de férias, meio mês de descanço para o côrpo e para a alma. Fico-me por cá. E todavia...

Imagina que tenho saudades de Lisbôa!

Quando te ficar algum tempo de descanço dá uma fugida á Outra-Banda. Toma o vaporsinho ronceiro, onde caçaste um dia um exemplar curióso para a tua colecção de insectos, e atravessa o Tejo enamorado — esse Tejo tão lindo! — para Cacilhas.

Sobe até ao Castello desmantellado e, se fôr em pleno dia, gosa me esse espectaculo sempre nôvo — a Cidade desenrolada a teus pés. Corre-a toda em volta, da terraplanagem onde assentam velhas colubrinas, joga a pedra com as balas esphericas em monte, e depois, ébrio de gôso e de maravilha, dize-lhe adeus por mim, um adeus sentido e saudôso — á Cidade flamante desenrolada a teus pés.

Quando pudéres tambem, de manhã cêdo, numa madrugada clára e límpida, abála para Algés. Descobre-te ao passares em frente dos Jeronymos e cumprimenta de longe a rendilhada Torre de Belem. E, se a maré estiver baixa, passeia de barco até ao meio do estuário, faz carêtas á agua fria, e mergulha d'um pincho como as rãs...

Depois do jantar, á hora suave do entardecer, deixa-te ir, devagarinho, até ao Caes do Sodré. Percorre o paredão, que forma um minúsculo porto de abrigo, e no cabo, de pé, assiste (como eu assistia, lembras-te?) á animada conversa dos maritimos, e á faina nos grandes barcos, e ao vae-vem dos rebocadôres...

Espera que os navios se illuminem, que o sol môrra de tôdo, e que se ateiem nas barcáças as labarédas sanguineas...

Gostas de vêr Lisbôa mergulhada na penumbra? E quando a Estrella se transforma num vitral mediévo, e todas as janellas são illuminúras, e o Tejo se franja de exóticos arabêscos de luz?

Não esquêças ainda uma visita de amigo ás Janellas Vêrdes. Vê tudo, admira tudo.

E á sahida ajoelha extático perante as figurinhas luminosas de Carlo Dulce e de Zurbarán — essas duas figuras, uma mimosa, a outra torturáda, que me não deixam a imaginação um instante...

...E' esta a Lisbôa que eu amo.

Teu «ex-corde»

MANUEL DA GRANJA.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorisada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem)

Primeira parte

VI

FELICIDADE BRETAN

(Continuado do numero antecedente)

Imaginava se pequena, logo levantada desde o romper da auróra, sentada em uma carruagem entre sua mãe e a tia Luiza a caminho de qualquer capela onde iam fazer devoção.

Faziam o signal da cruz todas as vezes que viam uma cruz tôsca de pedra, e quando passavam por bandos de camponezes, estes cumprimentavam cheios de respeito as senhoras Le Cozan. O primeiro almoço realisava-se na volta, á sombra de qualquer arvore frondosa, cosinhado pela tia Luiza que era uma eximia cosinheira.

Na egreja permaneciam contrictas perante a imagem venerada. Emquanto a sr.ª Cozan, passava horas resando pelo marido marinheiro para que voltasse breve, a tia Luiza passeava Anna a ver as lojas onde se vendiam objectos piedosos. Cada passeio que davam eram sempre mil pedidos de Anna, que chorava quando não lhe faziam as vontades.

Anna Le Cozan recordava-se de tudo isto e sorria-se d'aquellas criancices.

Seguiam a procissão a passos lentos atravez das ruas do lugar, enfeitadas com grinaldas de flôres, até chegarem ao campo para o abençoarem e ao mar que se lobrigava ao longe.

Vozes firmes seguiam os diversos canticos. As toucas, os cháles, os vestidos brancos, todos ao redór da estatua da Virgem, á mistura com os vestidos negros (ha tantos lutos nas regiões do mar!), andavam em sombrio cortejo, dedilhando as *Ave Marias* do rosario.

A mór parte das vezes só voltavam para Launian á noite. Anna então cheia de medo juntava-se muito chegada á mãe e á tia Luiza.

— Nós teremos, este anno, um mez de Maria soberbo. Nunca a santa Virgem teve tão lindos ramos. As irmans do hospicio não saberão onde collocar tantas flôres.

— Canta-se sempre?

— Creio que sim e mais do que nunca. E' a mulher do juiz de paz, a sr.ª Cozic, que estará no orgão e as meninas irão repetir diversos canticos.

O mez de Maria, brilhava na sua memoria, como antigamente. Foi alli n'aquelles córos em honra da Virgem que ella tomára consciencia da sua voz. Ella ouvia-a pura e clara, dominando as outras. Ao principio Anna tinha um certo receio em ouvir a sua voz destacada das outras. Na sua primeira communhão, ella iniciou os canticos e as crianças repetiam em côro. Quando a voz de Anna se elevou, o cura e a irmã superiora que a encorajavam com o olhar e com a fé, n'esse grande dia da sua vida christan, ficaram doidos de contentes. Foi o momento luminoso da sua iniciação eucharistica. Ella cantára com o coração, com alegria e com amor. Demais o seu unico prazer era cantar.

— Dize-me, tu estavas comnosco na peregrinação de Minihy?

— Estava sim, minha tia, não é lá o tumulo do pae e da mãe de S. Ines, onde passam em cortejo as meninas que desejem casar n'esse anno?!

— Ah! tinha-me esquecido. Tu querias sómente escorregar sobre a pedra para te casares com o teu primo Loic. Tinhas nove annos e elle dez. Foi mesmo a ultima vez que nós fomos a Treguier a casa do avô Le Cozan, no anno da herança do tio Sylvestre.

Treguier! o tio Sylvestre, o primo Loic, a avó Le Cozan! Tudo um canto poetico dos seus primeiros annos, um oasis da frescura onde a memoria gosta de se repousar, apoz a evocação das diversas phases dolorosas da vida.

Como ella se recordava! A avó Le Cozan era uma das figuras mais queridas da sua juventude. Filha, mulher e mãe de armadores, ella habitava Treguier com o seu filho mais velho, na mesma casa dos seus antepassados. Com o rosto rugôso, emoldurado por uma touca branca, com chále preto, quando passava pelas ruas da villa, encarnava a alma dos seus antigos parentes, bravos do mar.

A avó Le Cozan sustentava á sua custa desoito capellas da Cathedral, que estavam ao cuidado das senhoras fidalgas e foi admitida no Capitulo a trabalhar com ellas em diversos ornamentos sacros.

Anna parecia ver a sua querida avó. Julgava que ainda a via na sala do Capitulo, a trabalhar nas rendas, a limpar os bordados e envolvê-los em papeis de sêda, a cuidar nas flôres de papel, etc.

As ferias em Treguier, eram sempre para ella um pouco de paraizo.

Questões de interesse quebram estas felicidades. O tio Sylvestre por testamento tinha avantajado o pae de Anna e a tia Luiza, não deixando a seu irmão o armador senão uma fraca lembrança. Foi isto motivo para que José Le Cozan fizesse a peor guerra aos favorecidos.

Trocaram phrases terriveis provando que viveram juntos sem se conhecerem. Em todo o caso a avó Le Cozan continuou a habitar Tréguier com o seu filho José. Anna apenas o via raramente, e pouco se lembrava d'elle.

— O' tia Luiza a avó tinha os olhos negros?

— Sim, minha filha, olhos admiraveis que fizeram muitos rapazes tontos. Ah! minha Anna nós já não somos como ella! Tu um dia com o teu canto, farás endoidecer qualquer artista. Eu que tinha sonhado para ti, não um marinheiro, mas um rapaz...

Um ruido de sineta fez interromper a conversa da tia Luiza.

— A sineta dos mortos, disse Anna.

— Deverá ser para o enterro d'essa pobre Guyomard.

O habito das aldeias em que o menor toque, chama toda a gente ás portas e ás janellas cheia de curiosidade, annunciou que no dia seguinte ás dez horas se realisava o enterro da pobre Guyomard.

Luiza e Anna voltaram para a mesa.

Continuando a comer, ouviram a sineta a affastar-se cada vez mais. Recordava na alma de Anna a recordação dos mortos.

Esta mesma sineta tinha tocado pela mãe, quando atacada de variola; pozeram Anna em casa de pessôas amigas. E quando ella passados tempos voltou a casa é que comprehendeu que estava sósinha com a tia Luiza. E que profundo golpe não soffreu o capitão quando, ao chegar a casa, soube que tinha perdido sua companheira!!!

O sr. Cozan consagrou se então á educação da filha. Anna desde nova mostrou um grande amor pela musica, aprendeu piano e tomou lições com o professor da terra. O pae contentissimo com o pro-

gresso da filha, deixou-a seguir a vida artistica, por isso partiram para Paris.

Anna entrou para o Conservatorio para as classes de solfejo e piano. Logo os professores notaram que tinham uma alumna de raras qualidades.

(Continúa.)

NAS PRAIAS DE PORTUGAL — PRAIA DA NAZARETH

UM GRUPO DE GENTINS BANHISTAS VESTIDAS Á MODA DA REGIÃO; MENINAS: ALICE REIS, MARIA ROSA DE MELLO, FRANCISCA REIS E CELESTE BEZERRA

MONUMENTOS DE PORTUGAL

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1250)

As cincoenta janellas em que estão rasgadas todas as paredes da egreja, ostentando os mais graciosos e delicados lavores, que o cinzel póde esculpir na pedra, e projectando atravez das côres variegadas dos vidros essa frouxa luz mysteriosa, tão cheia de religião e de poesia; produzem um effeito admiravel, sobretudo as que circundam a capella mór, fazendo-lhe um fundo transparente de vivas côres.

Tem o templo de comprimento desde a porta principal até ao fundo da capella mór 80m,29, dos quaes pertencem ao corpo da egreja e cruzeiro 66m,66. O comprimento do cruzeiro desde a porta travéssa até ao altar de Jesus é de 33m,30.

A nave central, com 32m,46 de altura, e 7m,44 de largura, é sustentada e dividida das duas naves lateraes por 16 pilares, 8 por banda. Os pilares, cujas bases quadrangulares contam 2m,66 por cada face, são formados por varias columnas, de fustes delgados e lisos, e com os capiteis ligeiramente decorados de delicados lavores. Os arcos da nave do meio, bem como os que dividem os gomos das abobadas das tres naves, formando as arestas resaltantes, são inteiramente lisos. Apenas nos remates ou fechos, onde se unem os arcos nos centros dos espaços rectangulares comprehendidos entre cada quatro pilares, resaltam engraçados e bem trabalhados florões.

As paredes das naves lateraes, que as janellas deixam livres, são egualmente lisas: um só portal se abre n'ellas; é o que dá entrada para a capella do Fundador.

.....

Na frente do cruzeiro, aos lados da capella mór, estão quatro capellas, duas de cada parte. As do lado do evangelho são dedicadas a Santa Barbara, e Nossa Senhora do Rosario. A primeira d'estas capellas é contigua á sachristia, para a qual tem porta. Desde muitos annos não tem retabulo nem altar. Vê se n'ella um tumulo, porém ignora se quem ahi jaz; caso este por tantas razões bem singular.

.....

Na outra capella junto da de Santa Barbara que é consagrada como dissemos a Nossa Senhora do Rosario, está o Santissimo Sacramento. No alto do sopedaneo, do lado do evangelho, ergue-se um tumulo de marmore branco pequeno, e com as faces cobertas de sylvados e flôres em relevo. Tem no centro de cada face o escudo das armas reaes assentadas sobre a cruz da ordem d'Aviz, vendo-se o banco de pinchar atravessando os castellos superiores do dito escudo. Não tem epitaphio ou letra alguma, o que deu motivo á variedade de opiniões sobre as cinzas que encerra. O banco de pinchar, distinctivo de infante, não deixa duvidar da qualidade da pessoa que n'elle repousa, assim como a cruz d'Aviz, que apparece por baixo do escudo é prova sobeja de que pertencia á familia de D. João I. A melhor opinião é a que refere achar-se n'este tumulo o filho primogenito de el-rei Affonso V, e da rainha D. Isabel, que morreu menino, e se chamou João como o segundo que veiu a succeder no throno a seu pae.

A primeira capella da parte da epistola é da invocação de Nossa Senhora da Piedade, sendo antigamente dedicada a Nossa Senhora do Pranto. N'esta capella foi depositado provisoriamente o corpo d'el-rei D. João II, quando o trasladaram da Sé de Lisboa, em 1499, em quanto se não concluia o jazigo que lhe estava destinado nas capellas imperfeitas. Porém como estas não se acabaram, alli ficou e se conserva em um caixão de madeira, collocado sobre um estrado alto, para o qual se sobe por varios degráos.

Até ao anno de 1810 conservou-se inteiro e incorrupto o corpo d'este grande monarcha; porém nas profanações commettidas nos tumulos reaes pelos soldados francezes do exercito do marechal Massena foi tirado do caixão o cadaver do *Principe perfeito*, e lançado para cima de uns entulhos, d'onde, passado tempo, foi novamente collocado na caixa mortuaria, não inteiro como antes, mas apenas restos informes!

.....

A capella mór não desdiz do estylo austero que se observa em toda a egreja. Entretanto o architecto, sem quebra d'essa nobre simplicidade que é feição caracteristica d'este monumento, fez sobresahir em formosura a capella mór ao resto do templo, como geralmente se pratica em quasi todas as egrejas. Conseguiu este fim dando ao fundo da dita capella a fórma polygonal, e applicando-lhe um systema de janellas, com vidraças illuminadas a côres, representando passos da Paixão, ou da vida dos santos, que pela sua contiguidade parece, a quem olha do meio do templo, um painel geral transparente do mais bello e grandioso effeito, como já ha pouco observei.

No meio da capella, junto ao sopedaneo do altar, e cortando os degráos d'elle, levanta-se o sepulchro em que repoisam o herdeiro da corôa do fundador, e a rainha sua mulher.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

Agenda para Todos. — 1914. — Da casa editora Alfredo David, encadernador, — Rua Serpa Pinto, 30 a 36 — Lisboa, recebemos a agenda acima mencionada e que é um belo livrinho de 300 paginas com todas as indicações proprias deste genero de livros de algibeira, contendo ainda muitas secções novas e de interesse, muito especialmente algumas das novas leis da Republica que o publico mais precisa saber para regular seus negocios de pronto, tabelas de cambios, de equivalencias de moedas, posturas municipaes, emfim todas as indicações uteis e praticas.

Esta agenda artisticamente encadernada em percaline, custa apenas a modica quantia de 20 centavos.

L'Urbaine, *Companhia Anonima de Seguros de Vida — Empresa Particular sob a vigilancia do governo francês, etc.* — Séde em Paris — Rue Le Pelitier, n.º 8.

Relatorio e contas das operações da Companhia. Apresentado á Assembleia Geral de Accionistas na sessão de 28 de abril de 1913. Da apreciação geral deste relatorio resulta o conhecer-se o estado prospero desta companhia, cujo aumento das reservas no ano de 1912 se elevou a mais de um milhão de francos em relação ao ano de 1911, o que prova o desenvolvimento sempre crescente das suas transações.

O Jornal da Mulher. — Recebemos o n.º 68 desta interessante revista quinzenal, especialmente dedicada a modas e a trabalhos femininos de costura, lavôres, e mais generos decorativos, como pirogravura, fotominiatura, etc., que a tornam uma das primeiras no seu genero em nosso país.

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro de 1913

Barometro — Max. 766mm.8 em 5 e 19.
» Min. 755mm.5 em 29.

O nivel barometrico conservou-se baixo, e desceu para menos de 760mm, em 18 dias.

Termometro — Max. 27º.4 em 21.
» Min. 12º.7 em 19.

A maxima do mez é pouco elevada. A temperatura foi baixa durante alguns dias, descendo as maximas a menos de 20º nos dias 14 a 17, e 28 a 30.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 10 dias.
» Ceu nublado 19 dias.
» Ceu encoberto 1 dia.

Chuva — 48mm.4 em 13 dias, sendo a altura pluviometrica em 2, de 12mm.1.

Horas de sol — 221h,59 minutos.

Humidade extrema — 96 (em 2)—28 (em 20).

Temperaturas médias — Mais elevada 22º.0 (em 9).
» » Mais baixa 15º.9 (em 30).

Alunas do curso de esculptura da Escola de Belas-Artes de Paris

A Escola de Belas-Artes de Paris, onde se lecciona o curso geral de desenho, tem os cursos especiaes de: pintura e gravura a talho-doce, esculptura e gravura de medalhas, e arquitétura. Estes cursos completam-se com o estudo de anatomia, prespetiva, historia de Arte, etc., sendo todos regidos por professores notaveis nomeados pelo Conselho Superior das Belas-Artes.

Aos cursos podem ser admitidos alunos dos 15 aos 30 anos de idade, como ordinarios, havendo tambem alunos extraordinarios ou livres. No entanto, só aos primeiros é que é permitido frequentar os cursos noturnos e concorrerem aos premios.

As aulas são frequentadas por alunos de ambos os sexos, representando a gravura que publicamos um grupo de alunas do curso de esculptura, festejando a conclusão dos seus estudos, dirigidos pelo notavel professor Marqueste.

Vê-se que em França o belo sexo frequenta largamente os cursos de Belas-Artes, não se limitando só á musica, como entre nós sucede, mas entrando pelos dominios da pintura e da esculptura, numa aspiração mais ambiciosa do que a de uma simples prenda decorativa com que muitas das nossas meninas enfeitam a sua educação.

Alunas do curso de esculptura da Escola de Belas-Artes de Paris, festejando a conclusão do ano letivo

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os anos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1$200

SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER

FAZEMOS NASCER:

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção

O genuino **MOOTCY** é o unico preparo para a barba e cabello que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabello e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** *levado a felicidade.* Homens notaveis e não notaveis, todos dos têem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2$515 réis por porção (*uma porção chega perfeitamente*) O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello tem o preço especial de 4$240 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigámos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fôr verdade pagámos ao comprador

300$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes têem escripto a palavra **MOOTCY.** — Envia-se diariamente para todas as partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adeantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

Ferreira & Ferreira, Successores

99, Rua da Prata, 101 — LISBOA